

# Futebol feminino de competição: uma análise das tendências do comportamento das mulheres/atletas em competir, vencer e estabelecer metas

CDD. 20.ed. 796.011  
796.334

Sérgio Ricardo de Souza OLIVEIRA\*  
Helio SERASSUELO JUNIOR\*  
Mabel Martins MANSANO\*  
Antonio Carlos SIMÕES\*

\*Escola de Educação  
Física e Esporte,  
Universidade de São  
Paulo.

## Resumo

O Futebol transcendeu a barreira dos gêneros aumentando o interesse das mulheres em praticá-lo. O objetivo do estudo foi analisar, no ambiente de equipes de futebol de campo feminino, a percepção das atletas sobre as tendências individuais de comportamento competitivo em vencer, competir e estabelecer metas, e ainda identificar o nível de associação existente entre a faixa etária e o tempo de prática. Para tanto 113 atletas (faixa etária  $21,27 \pm 3,69$ ) pertencentes a 10 equipes de futebol de campo foram avaliadas por meio do método Exploratório Descritivo utilizando o instrumento "ACS2" – Inventário Comportamental para Avaliação de Tendências Competitivas em: Competir (TQ1), Vencer (TQ2) e Estabelecer Metas (TQ3) – pertencente ao "Sistema ACS". Os recursos da estatística não-paramétrica (Correlação de Spearman e Teste Kruskal-Wallis) foram empregados na análise de dados. Os resultados apontaram que as atletas com idade superior a 26 anos e com 13 anos ou mais de tempo de prática obtiveram os maiores valores para as correlações, sendo respectivamente  $r_s = 0,53$  e  $r_s = 0,35$  para o TQ1, e  $r_s = 0,50$  e  $r_s = 0,36$  para TQ3. O TQ2 foi a que apresentou os valores mais próximos entre os grupos etários. Observa-se que a idade e tempo de prática parecem ser preditoras para o possível aumento nas tendências comportamentais em vencer. As atribuições das atletas direcionando-as para o ato de competir voltado para vitória, antes de estarem determinadas para as metas que querem alcançar, podem alterar a contextualização dos valores individuais inerentes ao esporte. Os indicativos finais sugerem que para uma atleta atingir um nível de destaque no rendimento, a sua prática deve ser contínua e prolongada, o que por sua vez significa maior Tempo na Prática e uma maior Idade.

UNITERMOS: Esporte; Psicologia do esporte; Futebol de Campo; Gênero.

## Introdução

Dentre os esportes conhecidos e praticados mundialmente, o futebol ("soccer") parece ser o mais discutido e comentado, fato esse que se evidencia no transcorrer do século XX principalmente após anos de 1960. A formação de federações e o aparecimento maciço de uma mídia especializada contribuíram com essa difusão e divulgação (PARTOVI & CORREDOIRA, 2002). A diversidade de como o futebol é praticado atualmente - do campo ao salão, da areia ao "society"

- representa o pensamento de um sentimento inexplicável que o ser humano atribui a esse fenômeno.

Em países europeus, as crianças praticam institucionalmente esse esporte, incorporando em alguns casos aulas formais duas ou três vezes por semana (DUDA & HALL, 2001). No Brasil, as crianças desenvolvem o gosto pelo jogo sem que seja necessária uma atividade organizada ou sistematizada. Nas ruas, no quintal ou em qualquer espaço que puder ser

“encaixado” um goleiro e um chutador, a prática do futebol desperta uma paixão associada à própria identidade individual. Na análise de MORENO, LEÓN, SERÓN, MESANA e FLETA (2004), isso significa uma maior representatividade e participação deste esporte no meio cultural, pois permite a esses indivíduos uma oportunidade de avaliar, praticar e comparar os objetivos pessoais ao jogo e a outros esportes.

A popularidade do futebol cresceu e transcendeu a barreira dos gêneros, o que aumentou o interesse das mulheres em praticá-lo. Essas circunstâncias foram determinantes para criação de espaço em campeonatos mundiais e olímpicos onde a participação feminina pudesse ser efetivada, perfazendo níveis de atuação que incluíssem determinação e técnica equivalente as dos homens. Independente do gênero, para prática do futebol de alto nível é necessário o desenvolvimento de numerosas capacidades motoras, técnicas, táticas e psicológicas (DAUTY, BRYAND & POTIRON-JOSSE, 2002).

O Conselho da Indústria de Futebol Americana - SOCCER INDUSTRY COUNCIL OF AMERICA (1998) estimou em cerca de 8,5 milhões de praticantes de futebol de campo nos Estados Unidos com faixa etária entre seis e 25 anos, demonstrando que sua popularidade, nesse país, vem aumentando consideravelmente (PARTOVI & CORREDOIRA, 2002; WITOL & WEBBE, 2003). Sob essa perspectiva, o futebol vem a ser uma opção para as atletas/mulheres enquanto atividade recreativa e competitiva; e isso é observado nos resultados dos últimos 15 anos obtidos pelas equipes principais de futebol feminino norte-americanas, culminando com a medalha de ouro nas Olimpíadas de Atenas em 2004.

A equipe brasileira masculina de futebol de campo é aquela que obteve o maior número de títulos mundiais, resultando em prestígio, organização, recursos financeiros e materiais, tanto para quem “faz”, quanto para quem “se faz” do espetáculo. Apesar dos bons resultados também apresentados pelas atletas brasileiras femininas em campeonatos internacionais, a realidade do futebol feminino é outra. O “escanteamento” das meninas do Brasil para sombras da realidade de alto nível do masculino, retrata um comportamento de restrições das mulheres nos campos de produção social-esportiva (GOELLNER, 2005). Os meios de comunicação não vendo vantagens na divulgação reforçam a marginalidade.

A falta de estrutura, apoio e perspectivas para a prática deveriam produzir uma queda no rendimento. Apesar disso, talvez por terem consciência que são avaliadas em termos da

percepção de sucesso e fracasso baseado no desempenho (GRAHAM, KOWALSKI & CROCKER, 2002), não se entregam às solitudes da situação.

A visão limitada, desencadeada pela falta de pesquisas, não permite contribuir de forma relevante para descobrir quais variáveis influenciam, direta ou indiretamente, com o sucesso desse esporte. Agrava-se ainda mais a situação na prática feminina, por uma quantidade mínima de pesquisas e a sua própria exposição na mídia.

Ao contrário do que já foi exposto sobre sucesso e fracasso no esporte, alguns estudiosos definem sua base de compreensão na percepção subjetiva de como os atletas ganham ou perdem, de tal forma, que o resultado favorável pode não representar a realidade do campo de jogo (MCAULEY, 1985). Para entender o funcionamento dessa dinâmica, há necessidade de aprofundar o significado da atividade para a pessoa (KAVUSSAN & HARNISCH, 2000).

A beleza do esporte é atribuída justamente ao seu aspecto multidimensional, talvez uma análise tri-dimensional das tendências competitivas - competir, vencer e estabelecer metas - traga luz para esclarecer como se orientam as realizações e superações no ambiente feminino. Mesmo sendo intrinsecamente relacionadas, essas sub-escalas possuem diferenças entre si. O ímpeto de lançar-se ao desconhecido caracteriza a tendência em competir; a busca de um resultado munindo-se de argumentos psíquicos positivos é atribuída à tendência em vencer, e o estabelecimento de metas é dado como um traço longitudinal bem definido entre o que se tem e o que se quer ter.

A motivação que leva jovens meninas a procurarem o futebol como atividade desportiva depende em parte da sua grande exposição na mídia e de suas metas pessoais. MAGYAR e FELTZ (2003) explicam que as atletas jovens escolhem os significados em suas experiências por uma tendência disposicional - orientação de metas - e da tendência situacional - clima motivacional - que operam nos esportes durante a adolescência. Esses objetivos são, portanto, inclinações disposicionais referentes à avaliação das próprias percepções da capacidade e sucesso em determinadas situações empreendidas (NICHOLLS, 1984). O ganhar e o perder passam a ser determinantes nesse processo de caracterização das tendências.

De acordo com FERREIRA (1986), as tendências são uma análise direta na qual uma força atuante qualquer, que possua um significado de intenção, propensão e disposição, é impulsionada pela motivação. Esta última

define-se como um agrupamento consciente ou inconsciente de fatores intelectuais, afetivos ou fisiológicos que se interseccionam com o perfil de conduta do indivíduo em particular.

Para SIMÕES (2003a), cada um dos indivíduos que compõem uma equipe esportiva é movido a confiar nas suas boas condutas e nas condutas dos seus companheiros, técnicos e dirigentes. SAMULSKI (1992) por sua vez, destaca que as motivações intrínsecas (pessoais) ou extrínsecas (ambientais) orientam os processos de existência, maleabilidade, qualidade, empenho e maior satisfação por parte dos atletas. Assim, observa-se que ações cooperativas suportam a

motivação em parâmetros interativos das tendências, isto é, atletas que utilizam a cooperação permitem uma sensação de satisfação diferenciada na concretização de seu trabalho (OLIVEIRA, SANTOS & SIMÕES, 2004).

Nessa perspectiva, o objetivo do estudo foi analisar, no ambiente de equipes de futebol de campo feminino, as tendências de comportamento competitivo das mulheres/atletas em vencer, competir e estabelecer metas, além de caracterizar os padrões de conduta e atitudes. E, ainda, identificar o nível de associação entre a faixa etária e o tempo de prática na percepção das tendências de comportamento dessas atletas.

## Material e método

Foram analisadas atletas pertencentes a equipes de futebol de campo por meio do método Exploratório Descritivo, o qual descreve sistematicamente fatos e características presentes em uma área de interesse.

Participaram do estudo atletas/mulheres filiadas a Federação Paulista de Futebol, órgão que administra a modalidade no Estado de São Paulo, esta Federação é composta por cerca de 40 equipes distribuídas em grupos (1a. e 2a. divisão). Para a composição da amostra foram selecionadas de forma aleatória 10 equipes da 1a. divisão - finalizando uma amostra total de 113 atletas (faixa etária  $21,27 \pm 3,69$ ). Somente fizeram parte do estudo as atletas que assinaram uma carta de autorização. O presente estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo - 2005.

Todas as atletas participantes da amostra foram submetidas a uma série de questionamentos investigados pelo seguinte instrumento:

- Inventário comportamental de Tendências em Competir (TQ1), Vencer (TQ2) e em Estabelecer Metas (TQ3) - "ACS 2" (SIMÕES, 2003b). Este instrumento é baseado e adaptado dos estudos desenvolvidos por GILL e DEETER (1988), e compõe o "Sistema de Avaliação ACS". Este instrumento foi analisado através de um conjunto de seis etapas de validação para a sua utilização no Brasil, mediante as considerações específicas do teste e suas informações iniciais. Os resultados calculados apresentaram muita satisfação quanto aos seguintes itens de análise: Fidedignidade ( $r > 0,7$ ), Objetividade ( $r > 0,9$ ) e

Validade ( $r > 0,8$ ), dados obtidos e realizados pelo Instituto de Estatística e Ciências Exatas do Rio de Janeiro no ano de 2000.

O instrumento "ACS-2" foi escolhido tendo em vista os objetivos do estudo em oferecer as informações pertinentes à realidade apresentada pelos sujeitos no ambiente esportivo, associando as tendências individuais do atleta em competir, em vencer e em estabelecer metas. Esse sistema possibilita observar o comportamento do atleta atribuindo índices ao seu nível de competitividade que são mensurados pela somatória das tendências.

Os índices de competitividade individual foram analisados segundo os resultados de um conjunto de 25 questões objetivas distribuídas em uma escala de pontuações que varia de um a cinco, a saber:

- Concordo totalmente - um ponto;
- Concordo em parte - dois pontos;
- Indiferente - três pontos;
- Discordo em parte - quatro pontos;
- Discordo totalmente - cinco pontos.

O instrumento permite ainda uma distribuição dos valores totais obtidos com as respostas (mínimo 25 pontos - máximo 125 pontos), que são distribuídos em uma escala qualitativa decrescente composta por nove variações: alto-alta, alto-média, alto-baixa, médio-alta, médio-média, médio-baixa, baixo-alta, baixo-média e baixo-baixa.

Para a coleta dos dados foi apresentada à Comissão Técnica das Equipes de Futebol de Campo Femininas pertencentes à Federação Paulista de Futebol, uma planilha referente à pesquisa, contendo objetivos, justificativas e os procedimentos a serem adotados.

Após esse ato, foram distribuídas as cartas de autorização de pesquisa - Termo de Consentimento - para os participantes do estudo. Para menores de 18 anos foi necessária a autorização dos pais ou responsáveis. Quando assinadas, essas cartas deveriam ser devolvidas pelos próprios atletas no prazo máximo de 48h. Somente participaram do estudo, atletas que devolveram a carta de autorização assinada.

Após a entrega das cartas de autorização, devidamente assinadas, a coleta de dados foi realizada com a aplicação do instrumento "ACS2" durante os dias de treinamento das seleções selecionadas. Foi dada ao atleta a livre arbitrariedade, sendo possível ao mesmo

deixar de participar do estudo em qualquer momento sem que tivesse qualquer ônus pessoal.

A análise estatística foi realizada através de pacote computacional SPSS™. Os valores analisados não apresentaram distribuição normal na população estudada, justificando o emprego de testes não-paramétricos de Kruskal-Wallis e para análise das correlações existentes entre as tendências em vencer, competir e estabelecer metas com as variáveis de idade e do tempo de prática o coeficiente de correlação de Spearman. Todas as análises estatísticas foram realizadas com grau de significância de  $p < 0,05$ .

## Resultados

Foram investigadas por esse estudo 113 atletas do sexo feminino pertencentes a 10 equipes de futebol de campo filiadas à Federação Paulista de Futebol. Destaca-se que o número de jogadoras pertencentes a cada equipe pesquisada é menor do que o comum em equipes masculinas de futebol (22 jogadores). Esse número de jogadoras é uma realidade dentro da modalidade, pois algumas equipes não apresentam a mesma quantidade de atletas suplentes e titulares. Na TABELA 1 estão a média e desvio padrão da Idade (ID), Tempo de Prática (TP), Tendências em Competir (TQ1), Vencer (TQ2) e Estabelecer Metas (TQ3) Tendências em Competir.

Os resultados descritos pela ID e pelo TP demonstram a ocorrência de diferenças elevadas entre os próprios sujeitos da pesquisa, caracterizando de certa forma um grupo de atletas consideradas iniciantes (pouca idade e pouco tempo

de prática na modalidade) e um outro grupo de atletas consideradas experientes (maior idade e maior tempo de prática na modalidade).

Ainda na TABELA 1 observa-se que a ID média apresentada pela amostra é de aproximadamente 21 anos, com valores mínimos de 15 anos e máximos de 34 anos. Observa-se que na totalidade da amostra existe um grupo de atletas com ID próxima a 15 anos (idade mínima exigida pela Federação Paulista para a participação em campeonatos) e outro com ID superior a 28 anos, demonstrando uma diferença etária de cerca de 15 anos. Com relação ao TP, verificou-se a ocorrência de atletas com apenas três anos de atuação na modalidade e também atletas com cerca de 20 anos de prática na modalidade. Nesse caso, há uma diferença de aproximadamente 17 anos entre as atletas mais "novas" na modalidade (iniciante) e as consideradas como mais "experientes".

TABELA 1 - Média e desvio padrão das variáveis idade, tempo de prática, e das tendências em competir (TQ1), vencer (TQ2) e estabelecer metas (TQ3), considerando os diferentes grupos etários.

Grupos	Idade	Tempo de Prática	TQ1	TQ2	TQ3
Todos Atletas	21,2 ± 3,6	9,2 ± 3,3	11,6 ± 2,3	12,5 ± 3,1	14,6 ± 3,1
Grupo 1 (15-18 anos)	16,9 ± 0,9 <sup>a</sup>	8,2 ± 2,4	11,3 ± 1,8	11,9 ± 2,5	13,7 ± 2,8 <sup>c</sup>
Grupo 2 (19-22 anos)	20,6 ± 1,4	8,2 ± 3,0	11,8 ± 2,5 <sup>b</sup>	12,8 ± 3,3	14,5 ± 3,0
Grupo 3 (23-26 anos)	23,9 ± 1,1	12,5 ± 3,1	11,5 ± 2,3	12,2 ± 3,2	15,0 ± 3,6
Grupo 4 (> 27 anos)	29,2 ± 2,2	10,9 ± 3,5	12,0 ± 2,5	13,8 ± 2,6	16,5 ± 3,1

Diferenças estatisticamente:  
<sup>a</sup>G1 ≠ G4 ( $p < 0,02$ );  
<sup>b</sup>G2 ≠ G3 ( $p < 0,01$ );  
<sup>c</sup>G1 ≠ G2 ( $p < 0,04$ ).

Na TABELA 2 estão representados os índices resultantes das correlações realizadas entre as variáveis qualitativas e quantitativas, sendo TQ1, TQ2 e TQ3 e a ID das atletas. Para que os resultados

pudessem ter uma melhor análise visual, a amostra foi subdividida em grupos etários (intervalo de quatro anos), sendo assim distribuídos: grupos com faixa etária variando de 15 a 18 anos (Grupo 1), de

19 a 22 anos (Grupo 2), de 23 a 26 anos (Grupo 3) e por último o grupo com idade superior a 27 anos (Grupo 4).

Os resultados descritos na TABELA 2 demonstram que na correlação da variável TQ1 com os grupos etários, somente as atletas com ID superior a 26 anos (grupo com 27 anos ou mais) apresentam valores considerados moderados para a correlação proposta ( $r_s = 0,53$ ). O mesmo foi visto na variável TQ3, onde apenas o grupo com faixa etária de 27 anos ou mais apresentou uma correlação moderada ( $r_s = 0,50$ ). A variável comportamental TQ2 foi a que apresentou os valores mais próximos entre os grupos etários, sendo o menor valor apresentado pelo grupo com faixa etária de 15 a 18 anos ( $r_s = 0,02$ ) e o maior valor para o grupo com faixa etária de 27 anos ou mais ( $r_s = 0,38$ ). O critério adotado para as análises de correlação foi o proposto por Weber e Lamb (1970), onde este pode ser classificado, considerando seu valor numérico, em cinco categorias: muito baixo (0,00 a 0,19); baixo (0,20 a 0,39); moderado (0,40 a 0,69); elevado (0,70 a 0,89) e muito elevado (0,90 ou superior).

TABELA 2 - Coeficiente de correlação entre as atletas subdivididas em grupos etários e suas respostas aos questionários de tendências em competir (TQ1), vencer (TQ2) e estabelecer metas (TQ3).

Grupo Etário	TQ1	TQ2	TQ3
15 a 18 anos (n 26)	0,07	0,02	0,15
19 a 22 anos (n 45)	0,08	0,22	0,08
23 a 26 anos (n 28)	0,09	0,09	0,28
27 anos ou + (n 14)	0,53	0,38	0,50

Na TABELA 3 estão distribuídos os resultados da correlação entre o TP das atletas na modalidade e as tendências TQ1, TQ2 e TQ3. Da mesma forma como proposto na TABELA 2, também nesta tabela a amostra foi subdividida em grupos (intervalos de três a cinco anos), sendo: atletas com TP de até cinco anos, com seis a 10 anos, com 11 a 13

anos e atletas com mais de 13 anos de prática. Mais uma vez o grupo mais experiente (13 anos ou mais) foi o que apresentou os maiores valores para as correlações propostas.

Nos resultados descritos pelas correlações entre o tempo de prática e as tendências comportamentais, TQ1 e TQ3, o grupo com o maior tempo de treinamento (13 anos ou mais) apresentou resultados superiores aos demais grupos, respectivamente  $r_s = 0,35$  e  $r_s = 0,36$ . Na correlação entre o TP na modalidade e a variável TQ2, percebe-se uma similaridade nos resultados encontrados entre os grupos, porém os maiores valores foram também os encontrados nas atletas com tempo de prática superior a 13 anos. Vale ressaltar que nas correlações apresentadas na TABELA 3, apenas o grupo com TP superior a 13 anos apresentou correlações superiores a  $r_s = 0,30$ , porém de uma forma geral todos os valores encontrados são considerados baixos para a associação das variáveis analisadas.

TABELA 3 - Coeficiente de correlação entre o tempo de prática das atletas, subdivididas em grupos etários e suas respostas aos questionários de tendências em competir (TQ1), vencer (TQ2) e estabelecer metas (TQ3).

Tempo de Prática	TQ1	TQ2	TQ3
até 5 anos (n 12)	0,10	0,24	0,14
6 a 10 anos (n 58)	0,21	0,24	0,11
11 a 13 anos (n 26)	0,05	0,07	0,21
acima de 13 (n 17)	0,35	0,43	0,36

O que se observa, tanto na TABELA 2 como na TABELA 3, é que apesar dos valores encontrados nas correlações entre as variáveis qualitativas e quantitativas não serem considerados elevados para a amostra em geral, os maiores valores entre as variáveis comportamentais, TQ1, TQ2 e TQ3, apareceram sempre entre as atletas com maior ID (27 anos ou mais) e maior TP na modalidade (mais de 13 anos).

## Discussão

Independentemente do gênero, o esporte foi o canal encontrado pela humanidade na expressão de sua essência de condutas e tendências em competir (TQ1), vencer (TQ2) e estabelecer metas (TQ3). Fenômenos competitivos, sociais e psicológicos representam as

visões individuais, grupais e institucionais dos Jogos (OLIVEIRA, SANTOS & SIMÕES, 2004).

A competição masculina ou feminina, enquanto fenômeno social tem despertado o interesse científico fazendo com que fossem criadas várias

linhas de pensamento originando conceitos para explicá-las, postulando uma consciência comportamental nesse campo (DRU, 2003). A consistência de tal fato pode ser aferida pela avaliação das tendências às respostas enfrentadas em diferentes situações e ocasiões (DRU, 2003). A agregação dessas respostas pode ser definida como uma tendência comportamental (AJZEN, 1988).

DEUTSCH (1949) foi o primeiro a definir competição como uma situação social na qual um indivíduo é distribuído de uma forma diferenciada com base no desempenho entre os participantes envolvidos em uma atividade. MARTENS (1976) refere-se à competição como um processo em que a comparação de um desempenho individual é feita com algum padrão na presença de no mínimo uma pessoa, e estando ela ciente desse critério estaria apta para avaliar o processo dessa forma. Alguns estudos têm tentado explicar a consistência do comportamento competitivo não somente agregando respostas entre situações e ocasiões diferentes, mas também várias tendências comportamentais para avaliar uma maior disposição comportamental nesse domínio (AJZEN, 1988).

Apesar de alguns estudos na psicologia da personalidade social tentarem examinar a consistência do comportamento competitivo utilizando-se de escalas psicométricas para avaliar competitividade em uma ocasião particular, poucos estudos são voltados para avaliar o comportamento das atletas de futebol de campo feminino em relação às tendências pessoais em vencer, competir e estabelecer metas com a finalidade de atingir eficácia - sucesso - do grupo a que pertencem (DEUTSCH, 1949; JOHNSON & JOHNSON, 1989; McCLINTOCK & ALLISON, 1989).

Com o aumento da prática esportiva feminina existe a necessidade de abordagens específicas para o esporte em alto nível, sendo fundamental um ambiente psicossocial característico onde possam ser desenvolvidos os parâmetros técnicos, físicos e táticos adequados, contribuindo para o desenvolvimento da mulher e de sua equipe como um todo e, para isso acontecer, os resultados obtidos na análise das características esportivas individuais poderiam favorecer o desempenho final.

Com relação aos achados do presente estudo, observa-se que a variável ID parece ser um preditor para o possível aumento na TQ1, ao contrário do estudo desenvolvido por MARTIN, EKLUND e SMITH (1994) que encontraram a TQ1 e a ID negativamente relacionadas ( $r_s = -44$ ,  $p < 0,001$ ). Segundo esses autores parece que a ID atua inversamente ao

desenvolvimento dessa tendência. Entretanto, como existem elementos constituintes de grande variabilidade na metodologia, no estudo anterior, como a grande amplitude etária da amostra (10-61 anos); análises transversais, níveis de prática distintas (recreacional e esportiva), acredita-se que tais achados podem não ser pertinentes quando forem estabelecidas maiores restrições aqueles estabelecidos na presente pesquisa. Na verdade, os fatores ID e a TQ1 podem apresentar uma correlação social cognitiva e situacional, sendo amplamente influenciados pelo meio ambiente.

As tendências competitivas, para ANTONELLI e SALVINI (1978), são influenciadas pelo processo de aprendizagem e pelos diferentes níveis (quantidade e qualidade) das informações e experiências que precedem um dado resultado; permitindo supor que, ao seguir padrões de treinamento adequados durante a sua evolução cronológica, os atletas possam, além de atingir nível de destaque dentro da modalidade, continuar orientados por altos índices no comportamento competitivo. Portanto, o treinamento sistematizado desenvolvido no “aprender” torna-se fundamental para administrar o sucesso e o fracasso individual (FESTER, 1977), e assim, tornar operacional a manutenção do comportamento pessoal direcionado para tendências competitivas.

Com tal observação pode-se referendar que a variável idade apresentou diferenças significativas somente entre o Grupo 1 (15-18 anos) e o Grupo 4 (>27 anos) enquanto que, em relação ao TP, apesar da amplitude extensa (três a 20 anos), não foram encontradas diferenças estatisticamente significantes entre os grupos (TABELA 1). A similaridade do TP entre os grupos permite ainda dizer que atletas jovens iniciam o contato com a modalidade em fases mais sensíveis da vida, tanto para o desenvolvimento motor e cognitivo quanto para o psíquico e social; permitindo a eles que a aprendizagem venha a ser efetiva e o comportamento mais adaptado às situações propostas pelo meio ambiente.

Analisando a TQ1, pode ser observada na TABELA 1, diferença significativa entre o Grupo 2 (19 a 22 anos) e o Grupo 3 (23 a 26 anos). Essa situação identifica uma relação diferenciada do ato competir entre atletas que estão iniciando a idade adulta e, por sua vez nessa fase, tem que enfrentar a competição como um elemento natural e necessário para própria sobrevivência dentro do sistema esportivo. A dinâmica das atividades esportivas competitivas proporciona mudanças comportamentais que quando mal administradas

internamente pelo indivíduo podem gerar uma relação desajustada como o meio a que pertencem.

WILLIAMS e GILL (1995) assumem que a avaliação inerente ao vencer é verificada pela capacidade/habilidade em ganhar adquirida através da aprendizagem. A autoconfiança participa do processo no transcorrer do crescimento etário e do tempo da prática, isto é, no processo de iniciação. O gênero feminino, iniciado mais cedo na prática de uma atividade esportiva, tem mais oportunidades para desenvolver suas habilidades e confiança nas suas capacidades do que o gênero masculino (CLIFTON & GILL, 1994). Entretanto, os mesmos autores acrescentam que esse tipo de situação pode estar vinculada à estereotipagem da modalidade praticada; conquanto que modalidades conceitualmente femininas apresentam as características descritas, as masculinas podem apresentar padrões de evidência diferentes caso as circunstâncias da modalidade venham a ser inversas.

Apesar da não existência de diferenças estatísticas entre os grupos em relação à TQ2 (TABELA 1), os atletas pertencentes à menor faixa de idade apresentaram a melhor média, o que pode indicar uma perspectiva superior da busca pela vitória. Essa visão cria um mecanismo motivador que, por sua vez, é determinante em atletas de desempenho, pois permitem a auto-sustentabilidade de suas potencialidades esportivas.

Ao identificar o nível de associação entre TQ2 com as variáveis ID e TP, encontrou-se baixos índices de correlação. As atletas mais velhas (idade 27 anos ou +) e as atletas com mais TP (13 anos ou +) foram aquelas que obtiveram maiores índices de correlação. Decorrente das perspectivas de estereótipo discutidas e analisando somente os dados de correlação entre as variáveis TQ2 x ID e TQ2 x TP, pode-se supor, portanto que há uma menor autoconfiança nas capacidades individuais das atletas brasileiras de futebol de campo, em relação à masculina, resultando em uma possível estagnação na busca pela vitória, independente do nível de experiência adquirido com a ID e com o TP.

Em semelhança ao que ocorreu com TQ1, a TQ3 apresentada na TABELA 1 mostra diferença entre Grupo 1 e 2, sendo o primeiro o que indica melhor resultado. A TQ3 identifica padrões de comportamento em relação às perspectivas internas de melhores resultados, objetos internos de desejo e superação e, mantendo esse espectro de análise pode-se dizer que quanto maior a idade menor será o foco e a identificação individual com os objetos

pertinentes ao comportamento competitivo do Esporte.

Em relação à TQ3, observa-se que, apesar de elevada, é a que apresenta piores índices entre os três atributos comportamentais estudados. Essa diferença, apesar de contextualmente não significativa, apresenta uma representatividade quanto o objetivo das atribuições das atletas, direcionando-as para o ato de competir voltados para vitória antes de estarem determinadas para as metas que querem alcançar. Embora não tenha sido observada correlação significativa do TQ3 x ID, pode-se observar correlação crescente atingindo seu maior valor para as maiores idades (27 anos ou +,  $r_s = 0,50$ ). A mesma orientação de crescimento é observada para TQ3 x TP, quanto maior o TP maior a relação com TQ3 (acima de 13 anos,  $r_s = 0,36$ ).

Atletas experientes de ultra-maratona, com idade média de 40,2 anos e considerados experientes em termos de TP ( $M = 9,7 \pm 5,1$ ), apresentam TQ3 extremamente elevadas, sendo TQ1 logo na seqüência, enquanto que TQ2 apresenta-se baixo. Isso determina que esses atletas são competitivos e enfocam sua realização pessoal nas metas, com pouca preocupação com a vitória ou derrota (ACEVEDO, DZEWALTOWSKI, GILL & NOBLE, 1992). Mesmo sendo um esporte com características especiais, não se pode desconsiderar o fato dos participantes enfocarem as metas em padrões pessoais de distância e tempo em detrimento à vitória, que pode ou não ser alcançada.

O TP são equivalentes nas atletas de futebol de campo ( $M = 9,29 \pm 3,37$ ) e nos ultra-maratonistas ( $M = 9,7 \pm 5,1$ ), em compensação a média da ID (21,27 anos) é praticamente a metade da encontrada para os ultra-maratonistas (40,2 anos), o que de certa forma pode ser a explicação para os resultados encontrados.

Ainda que para KIM e GILL (1997), o gênero masculino prefira se diferenciar na concepção das capacidades/habilidades e o feminino, vendo-se com menores capacidades/habilidades, enfatize o esforço pessoal, os atletas jovens tendem a estabelecer múltiplos critérios de julgamentos para o sucesso individual nos esportes, incluindo melhoras pessoais e demonstrações de superioridade.

Dentro de uma perspectiva múltipla de variáveis que interferem no desempenho de atletas/mulheres, identificar o nível dos atributos disposicionais das tendências comportamentais de competitividade pessoal - vencer, competir e estabelecer metas - pode ser determinante no processo que visa a excelência do aproveitamento e do rendimento.

## Conclusão

Para um atleta atingir um nível de destaque no rendimento, a sua prática deve ser contínua e prolongada, o que por sua vez, sugere que quanto mais tempo na prática e quanto maior for a idade, mais expressivas serão essas relações. Entretanto, os resultados apresentados por esse estudo, envolvendo atletas de Futebol de Campo Feminino, destacam que a variável Idade e o Tempo de Prática não apresentam uma correlação elevada com as Tendências Competitivas analisadas. As principais correlações encontradas ( $r_s = 0,50$ ) foram vistas nos grupos com idade superior a 27 anos e com tempo de prática acima de 13 anos, ou seja, parece que existe uma tendência de crescimento na medida em que as atletas se tornam mais experientes.

Ainda com relação às evidências encontradas no estudo, destaca-se que a ID e o TP configuram quadros de correlação com as tendências analisadas, mostrando-se importantes indicadores do estágio de amadurecimento competitivo individual.

A análise descritiva permitiu categorizar os valores atribuídos para as Tendências Competitivas como elevados (alto-alta e alto-média); essas

características preconizam padrões de condutas das atletas/mulheres de futebol de campo voltados para o processo competitivo aqui pesquisado, cujas atitudes indicam a busca constante pelo mais alto rendimento individual e grupal.

Apesar da ausência de correlação significativas tanto da Idade quanto do Tempo de Prática com as Tendências, a análise dos grupos etários indica uma perspectiva diferenciada de comportamentos competitivos em relação aos atletas pertencentes ao Grupo 1 (mais jovens), sendo estes os que apresentaram melhores índices para as Tendências em Competir, Vencer e Estabelecer Metas. Existe uma perspectiva decrescente de comportamento competitivo em relação à Idade, isto é, com o aumento da Idade, as Tendências Competitivas (Competir, Vencer e Estabelecer Metas) diminuem.

Várias outras possibilidades de estudo devem ser exploradas visando analisar os comportamentos competitivos dos atletas de competição e rendimento, de forma que as informações coletadas venham a ser úteis aos treinadores, atletas e pesquisadores no transcorrer de suas ações profissionais.

## Abstract

Women's soccer: analysis of behavioral tendencies of top performance players' to compete, establish goals and win

Soccer has transcended the barrier of genders, increasing women's interest in practicing such sport. The main objective of this study is to analyze, in the environment of female soccer teams, the athletes' perception on the individual tendencies of competitive behavior to win, compete and establish goals, as well as to identify the existing relation between age groups and practice time. The sample consisted of 113 female athletes ( $21.27 \pm 3.69$  years) of 10 soccer teams who were evaluated by means of the Exploratory Descriptive Method using the tool Behavioral Inventory for the Evaluation of Competitive Tendencies known as ACS2, on the domains Competing (TQ1), Winning (TQ2) and Establishing Goals (TQ3), which are parts of the ACS System. Spearman's correlation coefficient was used for the statistical analyses with a significance level of  $p < 0.05$ . The results show that athletes older than 26 with 13 years of practice and over obtained the highest values for the correlations, being respectively,  $r_s = 0.53$  and  $r_s = 0.35$  for TQ1, and  $r_s = 0.50$  and  $r_s = 0.36$  for TQ3. The TQ2 domain presented values which were the closest to those among the age groups. It has been observed that age and practice times appear to be predictors of the possible increase in the behavioral tendencies when it comes to winning. The athletes' attributions, which guide them to the competition aimed at winning before they are committed to the goals they intend to reach, may change the context of the individual values inherent to the sport. The results suggest that, in order to the athletes achieve a stance of highlight in terms of performance, they should undergo a continuous and prolonged practice, which in turn means a longer practice time and older age.

UNITERMS: Sport; Sport psychology; Soccer; Gender.



## Referências

- ACEVEDO, E.O.; DZEWALTOWSKI, D.A.; GILL, N.L.; NOBLE, J.N. Cognitive orientations of ultramarathoners. *The Sport Psychologist*, Champaign, v.6, p.242-52, 1992.
- AJZEN, I. *Attitudes, personality and behavior*. Chicago: The Dorsey Press, 1988.
- ANTONELLI, F.; SALVINI, A. *Psicologia del deporte*. Tradução de Angel Sanchez-Gijon Martinez. Valladolid: Miñón, 1978.
- CLIFTON, R.T.; GILL, D.L. Gender differences in self-confidence on a feminine-typed task. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, Champaign, v.16, p.150-62, 1994.
- DAUTY, M.; BRYAND, F.; POTIRON-JOSSE, M. Relation entre la force isocinétique, le saut et le sprint chez le footballeur de haut niveau. *Science & Sports*, Paris, v.17, p.122-7, 2002.
- DEUTSCH, M. A theory of cooperation and competition. *Human Relations*, London, v.2, p.129-52, 1949.
- DRU, V. Relationships between an ego orientation scale and a hypercompetitive scale: their correlates with dogmatism and authoritarianism factors. *Personality and Individual Differences*, Oxford, v.35, p.1509-24, 2003.
- DUDA, J.L.; HALL, H. Achievement goal theory in sport: Recent extensions and future directions. In: SINGER, R.N.; HAUSENBLAS, H.A.; JANELLE, C.M. (Eds.). *Handbook of sport psychology*. New York: Wiley, 2001. p.417-43.
- FERREIRA, A.B.H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- FERSTER, C.B. *Princípios do comportamento*. Tradução Maria Inez Rocha e Silva. São Paulo: Hucitec, 1977.
- GILL, D.L.; DEETER, T.E. Development of the sport orientation questionnaire. *Research Quarterly for Exercise and Sport*, Washington, v.59, n.3, p.191-202, 1988.
- GOELLNER, S.V. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v.19, n.2, p.143-51, 2005.
- GRAHAM, T.R.; KOWALSKI K.C.; CROCKER, P.R.E. The contributions of goal characteristics and causal attributions to emotional experience in youth sport participants. *Psychology of Sport and Exercise*, Cambridge, v.3, p.273-91, 2002.
- JOHNSON, D.W.; JOHNSON, R. *Cooperation and competition: theory and research*. Edina: Interaction Book, 1989.
- KAVUSSAN, M.; HARNISCH, D.L. Self-esteem in children: do goal orientations matter? *British Journal of Educational Psychology*, London, v.70, p.229-42, 2000.
- KIM, B.J.; GILL, D.L. A cross-cultural extension of goal perspective theory to Korean youth sport. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, London, v.19, p.142-55, 1997.
- McAULEY, E. Success and causality in sport: the influence of perception. *Journal of Sport Psychology*, Champaign, v.7, p.13-22, 1985.
- MAGYAR, T.M.; FELTZ, D.L. The influence of dispositional and situational tendencies on adolescent girls' sport confidence sources. *Psychology of Sport and Exercise*, Cambridge, v.4, p.175-90, 2003.
- MARTENS, R. Competition: in need of a theory. In: LANDERS, D.M. (Ed.). *Social problems in athletics*. Urbana: University of Illinois Press, 1976. p.9-17.
- MARTIN, J.J.; EKLUND, R.C.; SMITH, A.L. The relationship among competitiveness, age and ability in distance runners. *Journal of Sport Behavior*, Tuscaloosa, v.17, n.4, p.258-66, 1994.
- MCCLINTOCK, C.; ALLISON, S. Social value orientation and helping behavior. *Journal of Applied Social Psychology*, Washington, v.19, p.353-62, 1989.
- MORENO, A.L.; LÉON, J.F.; SERÓN, R.; MESANA, M.J.; FLETA, J. Body composition in young male football (soccer) players. *Nutrition Research*, Los Angeles, v.24, p.235-42, 2004.
- NICHOLLS, J.G. Achievement motivation: conceptions of ability, subjective experience, task choice, and performance. *Psychological Review*, Washington, v.91, p.328-46, 1984.
- OLIVEIRA, S.R.S.; SANTOS, C.L.A.; SIMÕES, A.C. Caracterização das tendências de competir, vencer e de traçar objetivos / metas de atletas de voleibol adulto feminino. In: FÓRUM DE DEBATES SOBRE MULHER & ESPORTE: mitos e verdades, 2004, São Paulo. *Anais...* São Paulo: EFEUSP, 2004. p.227.
- PARTOVI, F.Y.; CORREDOIRA, R.A. Quality function deployment for the good of soccer. *European Journal of Operational Research*, Amsterdam, v.137, p.645-56, 2002.
- SAMULSKI, D. *Psicologia do esporte: teoria e aplicação*. Belo Horizonte: Imprensa Universitária/UFMG, 1992.
- SIMÕES, A.C. As equipes de futebol e o poder das instituições: uma visão psicossociológica do comportamento institucionalizado. In: COZAC, J.R. *Com a cabeça na ponta da chuteira*. São Paulo: Annablume, 2003a.
- \_\_\_\_\_. Esporte de performance In: KISS, M.A.P.D. *Esporte e exercício: avaliação e prescrição*. São Paulo: Roca, 2003b.
- SOCCER INDUSTRY COUNCIL OF AMERICA. *Soccer in the USA: an overview of the American Soccer Market*. North Palm Beach: [s.ed.], 1998.

WILLIAMS, L.; GILL, D.L. The Role of perceived competence in the motivation of physical activity. **Journal of Sport & Exercise Psychology**, Champaign, v.17, p.363-78, 1995.

WITOL, A.D.; WEBBE, F.M. Soccer heading frequency predicts neuropsychological deficits. **Archives of Clinical Neuropsychology**, New York, v.18, p.397-417, 2003.

WEBER, J.C.; LAMB, D.R. **Statistics and research in physical education**. Saint Louis: C.V. Mosby, 1970.

ENDEREÇO

Sérgio Ricardo de Souza Oliveira  
Av. Padre Antônio José dos Santos, 274 c.04  
13565-905 - São Paulo - SP - BRASIL  
e-mail: sergioliveirajudo@gmail.com

Recebido para publicação: 09/03/2006

1a.Revisão: 28/02/2007

2a.Revisão: 12/03/2007

Aceito: 03/04/2007